



Duas Claras dos Anjos e uma Rosa: a identidade e a representação da mulher negra na Literatura Brasileira

Two Clara dos Anjos and one Rosa: identity and representation of black woman in Brazilian Literature

Keyle Sâmara Ferreira de Souza¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise da identidade e das representações da mulher negra nos contos *Guarda Segredo* de Esmeralda Ribeiro, *Rosa e o Fuzileiro* e *Vozes d'África* de Rachel de Queiroz. O conto da autora negra Esmeralda Ribeiro, publicado em *Cadernos Negros: os melhores contos* (1998) faz uma releitura de Clara dos Anjos, personagem do romance de Lima Barreto escrito entre 1904 e 1922. Nesta obra, o autor desnuda, num tom confessional, o cotidiano dos subúrbios cariocas, sob a perspectiva do preconceito racial, e representa a protagonista como uma mulher passiva, submissa, um objeto. Esmeralda, escritora negra, dá à Clara a condição de sujeito, construindo uma identidade como mulher e como negra. É o narrar do pertencimento. Em *Rosa e o Fuzileiro* e *Vozes d'África* a protagonista Rosa que nomeia a primeira crônica-conto tem o desenlace de sua história no segundo texto, ambas publicadas na primeira coletânea de crônicas de Rachel de Queiroz intitulada *A Donzela e a Moura Torta* (1948). Rachel faz nos textos uma representação da mulher negra, porque não pode como mulher branca ter a experiência vivenciada como negra para construir identidade, podendo fazê-lo de forma generalizante considerando sua condição mulher e sua vivência no universo feminino. Há relações entre os textos que vão além da temática, do espaço do subúrbio carioca e das semelhanças entre Rosa e Clara, Cassi e o Fuzileiro Naval. É possível perceber nas obras um diálogo entre interesses de sexo e raça, identidades e estereótipos, relações que se materializam na Literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, identidade, diálogo entre gênero e etnia.

ABSTRACT: This article presents an analysis of identity and representations of black women in the tales *Keep Secret* Esmeralda Ribeiro, *Rosa and Fusilier* and *Voices d'Rachel de Queiroz Africa*. The story of Esmeralda Ribeiro black author, published in *Cadernos Negros: the best short stories* (1998) reexamines Clara dos Anjos, Lima Barreto's novel character written between 1904 and 1922. In this work, the author lays bare, in a confessional tone, the daily life of Rio suburbs, from the perspective of racial prejudice, and is the protagonist as a passive woman, submissive, an object. Emerald, black writer, gives Clara a condition of the subject, building an identity as a woman and as a black. It is the chronicle of belonging. Rosa and the Marine and *Voices of Africa* Rose protagonist appointing chronic-tale first is the outcome of its history in the second text, both published in

¹ Doutoranda em Letras, área de concentração Literatura, Cultura e Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba- UFPB. Mestre em Letras, pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Especialista em Planejamento Educacional (UNIVERSO), em Psicopedagogia Institucional (UNITINS-EADCON), em Gestão e Avaliação Educacional de Escolas Públicas (UFJF), em Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa, Brasileira e Africana de Língua Portuguesa (URCA). Graduada em Letras (FAFOPA).

the first Rachel de Queiroz of chronic compilation entitled *The Maiden and Moura Pie* (1948). Rachel is the text representation of black women because they can not as white women have the lived experience as black to build identity and can do it in generalizing way considering his wife condition and his experience in the feminine universe. There are relations between the texts that go beyond the theme, Space Rio suburb and similarities between Rosa and Clara, Cassi and the Marines. You can see the works a dialogue between sex and race interests, identities and stereotypes, relationships that materialize in Literature.

KEYWORDS: Literature, identity, dialogue between gender and ethnic group.

INTRODUÇÃO

O perfil da mulher negra no Brasil é marcado por visões estereotipadas, por condicionamentos coloniais que continuam rondando a sociedade moderna. Nesse contexto, é relevante estudar a mulher negra na Literatura Brasileira. A Literatura, um conceito em construção, como arte engloba além do processo estético o tempo, o espaço, os valores, as ideologias de cada momento histórico-social. Quando se fala em gênero e etnia na Literatura é preciso analisar não só as personagens que retratam identidades culturais, mas também a escritura, ou seja, considerar os conceitos de representação e construção de identidade mediante o pertencimento, o viver de dentro. Para Hall (2006) identidades culturais são aqueles aspectos identitários que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo nacionais.

Na perspectiva do pertencimento, a construção da identidade da mulher negra brasileira na Literatura pode-se considerar que “a primeira voz feminina no Brasil que registraria a temática do negro é da maranhense Maria Firmina dos Reis, com a publicação do romance *Úrsula*, em 1859”. (MENDES, 2011, p. 24)

Ao pensar na construção de uma identidade negra na Literatura é preciso considerar o texto como um veículo de luta contra o racismo, mas também, não se pode limitar a literatura negro - brasileira ao conteúdo, assim, Cuti (2010, p. 93 - 94) ressalta que: “[...] os temas derivados do enfrentamento do racismo [...] são muito importantes para a literatura negro-brasileira, pois constituem reações internas de forte carga emocional capazes de dinamizar a linguagem rumo a uma identidade no sofrimento e na vontade de mudança.”

Assim, o conto *Guarda segredo* de Esmeralda Ribeiro e as crônicas-conto *Rosa e o Fuzileiro* e *Vozes d’África* de Rachel de Queiroz apresentam relações literárias de gênero e etnia, retratando identidades da mulher negra. Mas, a construção de identidade feminina negra considerando as diferenças e diversidades que marcam a realidade da mulher negra como valores positivos de consciência e desejo de transformação da realidade só é possível no conto de Esmeralda Ribeiro, autora negra. Enquanto nos textos rachelianos o que se pode investigar é a representação da identidade da mulher negra, pois Rachel como escritora branca, pode falar de dentro do universo feminino, mas não da mulher negra, visto que não há o sentimento

de pertença. Representar identidades indica que o artista de um ponto de vista do “eu” considerará o “outro”, assim, uma escritora branca falar da mulher negra implica o abandono de sua brancura, de suas convicções ideológicas culturais, para ter acesso à subjetividade negra, suas memórias e experiências (CUTI, 2010).

É a partir dessa noção de pertencimento que se vai investigar a representação e construção da identidade, somente uma mulher pode construir identidade feminina de dentro, somente uma mulher negra vai poder construir a identidade híbrida de mulher negra como sujeito, que considerará as relações do gênero e da etnia.

1 A METAMORFOSE DE CLARA DOS ANJOS NO CONTO *GUARDE SEGREDO* DE ESMERALDA RIBEIRO

No conto *Guarde Segredo* Esmeralda Ribeiro transforma a personagem Clara dos Anjos de Lima Barreto em sujeito do conflito dramático, indo da condição de caricatura, personagem plana estereotipada por convenções sociais pré-estabelecidas socialmente pela escravidão e as desigualdades, como retrata o romance de Lima Barreto, para uma mulher emancipada, que toma decisões e surpreende pela resistência as humilhações e preconceitos. A fala da avó da protagonista do conto de Esmeralda traduz essa necessidade de emancipação: “Nós não devemos aceitar o destino com resignação” (RIBEIRO, 1998, p. 71).

As ações se desenvolvem em ambas as obras no espaço urbano do subúrbio carioca Clara é a menina negra, submissa, seduzida pelo namorado branco, mau-caráter, que a engana, a desonra e a abandona. Humilhada pela mãe de Cassi tanto no romance de Barreto como no conto de Ribeiro, neste a mulher julgando-se superior a menina negra afirma: “Você é a quinta negra que meu filho deflorou e também não vai ficar com ele” (RIBEIRO, 1998, p. 70). Tanto a obra literária *Clara dos Anjos* e o conto *Guarde Segredo*, quanto o estudo de Fanon (2008) confirma o preconceito racial que marca a vida dos negros, reforçando a ideia de que “brancos não se casam com uma mulher negra” (FANON, 2008, p.58).

O estereótipo da sensualidade da mulher negra é explorado mesmo quando ela ainda é muito jovem, o corpo da negra ganha volume e curvas muito cedo o que atrai os homens que a veem historicamente como objeto sexual. “[...] eu estava com dezessete anos, mas meu corpo parecia de uma mulher” (RIBEIRO, 1998, p. 69).

Lima Barreto ao escrever Clara dos Anjos problematiza a questão do preconceito sob a perspectiva étnica, não considerando as questões do gênero. A releitura de Clara dos Anjos de Esmeralda Ribeiro (1998) relaciona a etnia e o gênero, a autora ainda rememora a importância de Lima Barreto para a Literatura negro-brasileira, e através das memórias da protagonista

constrói a identidade da mulher negra, que não se conforma com a condição de vítima, mas que precisa lutar contra os preconceitos raciais, sociais, historicamente enraizados.

O conto metamorfoseia Clara que além de personagem é também a narradora, ela narra sua própria história a uma destinatária não identificada no texto, deixando lacunas que permeiam o texto de mistério e possibilitam ao leitor refletir, pensar e interagir com a obra. A memória elemento constitutivo da identidade (CANDAUI, 2011), se concretiza unindo conteúdo e forma. O texto que se hibridiza em dois gêneros: o conto contado em forma de carta. A carta evoca a memória pessoal da protagonista, reatualizando a temática negra a partir da reescritura de modelos da tradição literária afro-brasileira, aqui representada pela obra de Lima Barreto, um dos nomes mais significativos dessa tradição no nosso país.

A motivação que detona a narração é a carta enviada por uma senhora que busca notícias da avó de Clara. Em resposta Clara desabafa todo o sofrimento e dificuldades de sua vida nômade a partir do desemprego do pai e do despejo da família que se separa, a menina passa a viver com a avó materna, enquanto os pais vivem na casa de um tio. A fragmentação da família negra continua na vida atual, como no tempo da escravidão. Ela ainda revela viver uma nova identidade, pois mudou de endereço e de nome para ocultar o crime que cometeu por não aceitar passivamente os abusos, as infâmias e humilhações de Cassi, assim como o desprezo da mãe dele, que chega até mesmo a cuspir Clara, que por sua vez também cospe a mulher.

Devolver os insultos, não aceitar o desprezo da sociedade, no conto representada por Cassi e sua mãe, mostra a necessidade de superação de um sentimento de inferioridade do negro, principalmente da mulher negra, sentimento que culturalmente e historicamente lhe foi imposto. “- Você matou Cassi Jones? – ele interrompeu o meu devaneio.- Matei – respondi”. Assassinar Cassi é uma explosão da raça, um grito de basta de humilhações e representa a libertação de Clara.

No conto *Guarde Segredo* a mulher negra ganha voz, Esmeralda Ribeiro abre um espaço para discussão das relações étnicas e de gênero, permitindo a construção de uma identidade compósita, rizoma que Glissant (2005, p.76) explica: “a noção de identidade se realiza em torno das tramas da Relação que compreende o outro como inferência”. Zinani (2006, p. 19) explica que a identidade “não é mais um elemento fixo” devido à fragmentação do indivíduo, não podendo, portanto, corresponder ao conjunto de características de um sujeito.

A identidade de Clara sofre uma metamorfose no conto *Guarde Segredo* de Esmeralda Ribeiro, tornando-se instável, móvel. Em Lima Barreto, é perceptível a marca do determinismo social que torna os homens impotentes e faz das mulheres seres frágeis que não



possuem vontade própria. Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. [...] E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e decantes, [...]. (BARRETO, 1998, p. 90)

O nome com que Lima Barreto batiza a mulatinha despreparada para a vida revela a visão crítica e irônica da sociedade de sua época. Chamar uma personagem negra de “Clara” ressalta o tom crítico e mordaz da obra, representando, dessa forma, o drama de muitas gerações de mulheres negras, socialmente marginalizadas e reificadas, de identidade unificada e estável. O sobrenome “dos Anjos” acentua a crítica em torno de sua condição de mulher de cor, suburbana, de sua passividade diante das humilhações, preconceitos, e principalmente sua atitude quanto a Cassi.

Esmeralda Ribeiro recria uma Clara diferente, não explicita o nome da personagem em momento algum, é a relação intertextual com o romance de Lima Barreto, assim como a recuperação da imagem do próprio autor afro-brasileiro que remete a identificação com a personagem do romance. A Clara de Ribeiro pensa, reage, tem sua individualidade, constrói uma identidade composta de diferentes identidades, é negra, é mulher, é suburbana, é pós-moderna. Stuart Hall (2006, p. 12-13) bem descreve essa identidade cultural na pós-modernidade, em que o sujeito não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

A Clara de Lima Barreto é uma representação feminina como uma construção masculina, pois como homem ele não possui a condição do pertencimento para falar da mulher, dessa maneira, o que se tem é o universo feminino, a mulher negra sob o ponto de vista de um homem afrodescendente, mais especificamente, uma mulata por um mulato. O autor conhece de dentro o preconceito racial, dá conta da questão étnica, mas não pode falar de dentro em relação ao gênero.

Para Esmeralda a condição de mulher negra possibilita a construção da identidade feminina de dentro das relações de gênero e etnia. Isso permite a autora negra emancipe Clara, que no final do romance de Lima Barreto começa a tomar consciência de sua condição social como mulher afro-brasileira, que vive no subúrbio a mercê de uma sociedade preconceituosa e excludente. Diante da sua decepção com Cassi, a personagem, manifestando a perspectiva do autor conclui “– Nós não somos nada nesta vida” (BARRETO, 1998, p. 133). Lima Barreto finaliza o romance em questão convidando o leitor a uma reflexão, transferindo mais uma vez suas ideias, agora para o narrador, o romancista pré-moderno procura levar a mulher negra a tomar uma atitude, reagir à marginalização que lhe é imposta.

A recriação de Clara por Esmeralda em *Guarda Segredo* dá asas à personagem, que no desfecho de Lima Barreto foi posta como que num casulo, ela atende a reivindicação do seu criador, se liberta da condição de coitadinha, não admite ser vítima, reage: “- Bravo! Esse era o outro final que eu queria para o cafajeste do Cassi Jones” (RIBEIRO, 1998, p. 71). Esmeralda dá voz ao autor que diante de um novo tempo aplaude a nova Clara, compactuando com sua nova identidade. É a evolução da Literatura Afro-Brasileira, ou Negro-Brasileira como prefere Cuti (2010), que desde autores como Domingos Caldas Barbosa, Luis Gama, e autoras como Maria Firmina dos Reis e Auta de Souza vêm tentando recuperar a identidade negra, recuperar a autoestima do negro, recompor sua memória e sua história através da arte literária, desconstruindo preconceitos e cânones excludentes.

2 ROSA: A MULHER NEGRA NAS CRÔNICAS-CONTOS DE RACHEL DE QUEIROZ

É no vasto universo da crônica racheliana, entre o jornalismo e a literatura, que se encontra Rosa, personagem dos textos alvo deste estudo: *Rosa e o Fuzileiro* e *Vozes d'África*, publicadas em periódicos cariocas, em 1945, e no primeiro volume de crônicas de Rachel em 1948, *A Donzela e a moura torta*, cuja seleção foi realizada pela própria autora.

Conforme Hollanda (2010, p.27) algumas das “crônicas [de Rachel] são contos estruturalmente perfeitos”. Isso ocorre quando a crônica organiza-se como uma narrativa, ou seja, tem começo, meio e fim, personagens, diálogos e ação, narrando fatos fictícios. Assim, não se peca ao denominar os textos em questão como crônicas-contos.

Rachel conta nos dois textos à história de Rosa, uma adolescente negra de 15 anos de idade, que nasceu e cresceu no subúrbio do Rio de Janeiro e se apaixonou por um fuzileiro naval. Corpo e sensualidade de mulher são estereótipos utilizados para descrever a mulher negra desde a adolescência, Rosa também é assim. O texto racheliano é carregado de ironia e crítica à condição marginalizada da mulher negra: “Foi batizada com o nome de Rosa, mas rosa não é. Seria talvez rosa-mulata, não fosse a rosa flor tão aristocrática e ariana que não dá mulatas” (QUEIROZ, 2004, p. 71).

Rosa, que há pouco deixou de tomar parte nas brincadeiras de criança, nas rodas de ciranda, moça de pouca instrução, “cabeça dura e coração mole” (QUEIROZ, 2004, p. 72) vive uma paixão por um fuzileiro naval, um homem com o dobro de sua idade, moreno de dentes bonitos, experiente, conhecia o mundo. A menina-moça não conseguiu resistir às histórias de lutas pela Europa, viagens pela Argentina, frases ditas em francês.

A identidade feminina de Rosa é uma representação da mulher afrodescendente seduzida pelo colonizador que quer viver uma aventura exótica com a “mulata brasileira”,

suburbana, do morro, que exala sensualidade. O pai conhecido como Mata por ter um emprego de mata-mosquitos, embora afirme “que não é só mosquitos que mata, não...” (QUEIROZ, 2004, p. 73), não aceita o romance de Rosa com o Fuzileiro, pois sabe que aquele homem do mundo, de cor “morena”, não se casará com uma moça negra e pobre.

Ao problematizar essa situação, expondo a submissão de Rosa em relação ao fuzileiro, “Rosa foi-se acostumando ao toque da mão dele, como cão que se acostuma a mão do dono” (QUEIROZ, 2004, p. 73), se reforça o estereotipo de “Senhor” pelo namorado de Rosa, que é vista como um objeto do qual o fuzileiro se apossa. Nessa relação de posse e submissão ele toma satisfações com o dono do armarinho, o turco Seu Abud, por ter se interessado por Rosa e lhe presenteado com um laço de fita e um pó-de-arroz, que remete a tentativa de branqueamento.

Na produção de Rachel de Queiroz o universo feminino está sempre em destaque, em sua obra a mulher é o elemento que media a relação entre ficção e realidade. Assim, a partir dessa representação literária da mulher negra brasileira, carioca e suburbana as crônicas-contos *Rosa e o Fuzileiro* e *Vozes d’África* priorizam as relações de gênero e nacionalidade em relação à etnia. É possível, então, um olhar da crítica feminina sobre a obra racheliana que dá relevância a aspectos como: a posição central da mulher na trama, da função do narrador, aspectos significativos da emancipação feminina, e principalmente com representações de experiências da mulher, por meio de sua própria linguagem, definindo o sujeito feminino e percebendo marcas de gênero, que distinguem o jeito feminino de ser do masculino (ZINANI, 2006).

Nos textos de Rachel a menina-moça Rosa apaixonada pelo Fuzileiro naval que embora apareça no texto como elemento desencadeador do conflito dramático, ocupa na narrativa uma posição secundária, um personagem linear, estereotipado, que em nada surpreende, tanto que nem nome tem, ele é apenas um fuzileiro naval. E como é comum, os homens estão sempre em segundo plano nas narrativas rachelianas.

O narrador, com foco narrativo em terceira pessoa conversa com o leitor, problematiza a situação de Rosa, comparando-a a Julieta que com 15 anos também se apaixonou e foi capaz de morrer por esse amor. Rosa a Julieta negra, que vive um drama marcado pelas relações de identidade e diferenças raciais e sociais, possui uma particularidade, seu Romeu não corresponde à seu amor. Assim, é importante entender que:

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.

Dizer, por sua vez, que identidade e diferença são o resultado de atos de criação *linguística* significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. (SILVA, 2011, p. 76)

Desse modo, o narrador convida o leitor à reflexão diante da ingenuidade de Rosa seduzida pela possibilidade de branqueamento, de fazer parte do mundo do colonizador, reforçando, então, no texto a existência de uma identidade pré-fabricada para mulher negra, a partir de diferenças socialmente criadas e impostas pelo colonialismo, pela escravidão, pelo sentimento de inferioridade do negro e pelo de superioridade do branco. O Fuzileiro é moreno, poderia ser um mulato, mas as teorias de miscigenação racial ainda colocam o mulato como superior ao negro, aliado do branco (BROOKSHAW, 1983), sendo o mulato uma possibilidade de ascensão, pois ele por ser um oficial dribla o preconceito, tem mente colonizada.

Rachel finaliza a crônica *Rosa e o Fuzileiro* contando que o pai da moça ao flagrar os namorados não concorda com o relacionamento que o título anuncia, e cria uma atmosfera de suspense em relação ao desfecho da história, que neste fica inacabado, despertando uma expectativa até mesmo no narrador que promete escrever um drama em versos para contar o desenlace.

Entretanto, o final da história de Rosa não é explicitamente narrado, a trama tem continuidade na crônica-conto *Vozes d'África*, não se configurando como um final feliz, mas um desfecho sugerido pelo destino de outras negras que se aventuraram em histórias de amor marcadas pelas diferenças sociais. Rachel de Queiroz narra as três surras que Rosa leva do pai por desobedecê-lo e insistir no namoro. Os episódios mostram que a Julieta negra não desiste de viver seu amor, mas fica a forte sugestão de que terá o final igual a tantas negras seduzidas, abandonadas grávidas, silenciadas pela opressão social.

Identidade e diferença como construtos linguísticos, culturais e sociais tem na literatura a possibilidade de desencadear a discussão e reflexão sobre questões que permeiam a realidade. *Rosa e o Fuzileiro* e *Vozes d'África* abordam uma questão de relevância nacional a realidade da brasileira negra.

No conto *Vozes d'África* Rachel descreve o espaço em que vive a família de Rosa, a periferia carioca, denunciando a miséria, o isolamento e o abandono dos negros pela sociedade e Estado brasileiro: “[...] vivem isolados como tribo solitária na aringa nativa, em plena floresta africana. E tal como na floresta africana, só um dos veículos da civilização lhes é familiar: o avião, que o dia inteiro lhe ronca sobre as cabeças”. (QUEIROZ, 2004, p.81)

A descrição da família de Rosa apresenta uma ambivalência em relação aos estereótipos utilizados pela autora e sua própria opinião que se mistura ao discurso do



narrador: “De pais a filhos e netos, todos são pretos, pretíssimos, lustrosos de tão negros e bonitos”. (QUEIROZ, 2004, p.81) Entretanto, faz uso infeliz de um estereótipo quando enfatiza a descrição física dos negros, principalmente das mulheres.

Num primeiro momento, numa análise superficial e apressada se pode pensar num uso preconceituoso da linguagem, mas aprofundando a leitura do texto se confirma a ambivalência do estereótipo: [...] o estereótipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo, exigindo não apenas que ampliemos nossos objetivos críticos e políticos, mas que mudemos o próprio objeto de análise (BHABHA, 2001, p. 110).

Nesse contexto, os estereótipos presentes no conto *Vozes d’África* remetem ao tom crítico e irônico que marca a escrita racheliana que objetiva chamar atenção do leitor para a visão estereotipada que bestializa o negro, o selvagem, o não-civilizado, o grotesco, o bruto, o viril, sensual, sem moral nem princípios (BHABHA, 2001). A autora em seguida ressalta a liberdade com que os negros foram criados por Deus, a cultura e a memória da família de Rosa. Ferreira (2011, p. 64) explica que “[...] homens e mulheres negras tentaram reconstruir sua vida num mundo adverso aos seus desejos de reumanização, de reconstrução da identidade cultural e emancipação social da coletividade negra”.

O narrador de *Vozes d’África* destaca as origens africanas, os sofrimentos acarretados pela escravidão, faz referência à vida pós-abolição, a história dos descendentes paternos e maternos de Rosa, conforme Glissant (2005), é o rastro-resíduo inconsciente que compõem a identidade rizoma de negras e negros brasileiros. E então, o narrador retoma, sem marcas gráficas ao momento em que o pai encontra Rosa e o Fuzileiro juntos, e surra a filha para que ela acabe com o relacionamento. A moça não atende às ordens do pai, continua a apanhar, os castigos paternos são cada vez mais violentos, de cinto, de cinto com a fivela solta, de tamancos.

No entanto, o desfecho do amor de Rosa fica em aberto, é apenas sugerido pela comparação da história de uma numerosa família negra do Distrito Federal, a família de um carreiro de carro de boi, que ganha o sustento da família transportando material de construção. A filha mais velha “dá um mal passo”, envolve-se com um soldado, é seduzida e desonrada, é abandonada grávida. O pai aplicou-lhe uma surra e depois permitiu que a filha continuasse em casa, não denunciou o cafajeste para não colocar o nome da filha na boca da polícia, afinal ele também é da polícia. “Soldado é que prende a gente, e não a gente que prende os soldados” (QUEIROZ, 2004, p. 84). Enfim nascem gêmeos, filhos e netos se confundem, “vão nascendo e vivendo”, a vida corre normal e outra filha entra na adolescência, mas esta ainda tem medo da “mão pesada do pai”. (QUEIROZ, 2004)

O relato dessa segunda família é secundário, os personagens sem nome apenas reforçam a situação comum às mulheres negras no Brasil, e sugerem o desfecho para o drama de Rosa. Mas essa filha mais velha do carroceiro do Distrito Federal foi seduzida e abandonada por um soldado que também era negro. Assim, nos textos de Rachel a questão de gênero acaba por se sobrepôr à étnica, pois é a posição social do soldado, o cargo que ocupa lhe permite que ele oprima seus iguais.

O conto é finalizado com um momento de rememoração da cultura e memória. No terreiro, em noite de lua, todos juntos conversam, e a mãe pensa em fazer numa noite dessa uma comemoração para São Jorge, na intimidade da família a Festa de Ogum, com bandeirinhas, leitão assado... É um sincretismo religioso, o rastro/resíduo, momento em que a mãe, a mulher, a contadora de histórias, a trabalhadora, as origens africanas e brasileiras se fundem, é a construção e representação de uma identidade compósita, móvel de mulher negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos de Esmeralda Ribeiro e Rachel de Queiroz em estudo dialogam através de relações de gênero e etnia. Clara e Rosa são mulheres negras com nomes que ironizam sua cor e sua raça, mas revelam o tom crítico de suas autoras. Em *Guarda Segredo* e *Rosa e o Fuzileiro* e *Vozes d'África* se destaca a mulher negra que sofre pelo preconceito racial, de gênero e social.

As protagonistas das obras estudadas vivem no subúrbio do Rio de Janeiro, marginalizadas, mas Rachel leva a discussão a outras partes do Brasil, ao Distrito Federal, capital do país, uma cidade planejada, mas que não conseguiu controlar a formação de favelas onde as desigualdades e a exclusão são impostas às famílias, especialmente as negras.

A identidade das mulheres negras por muito tempo se estagnou em um sujeito unificado, presa a estereótipos raciais e de gênero, sociais e até intelectuais, pois, eram consideradas “mulheres de cabeça dura e coração mole”, pouca instrução, não pensavam, e se deixavam ingenuamente seduzir, acreditavam ser uma oportunidade de ascensão racial e social. Mas, a negra brasileira evoluiu, ela pensa, age, tem consciência de sua memória, história e pode assim, compor sua identidade, a partir das diferenças, como sujeito e não mais como objeto.

A identidade e a diferença como construtos linguísticos, sociais e culturais tem relevante lugar na literatura, que assume também o papel de problematizar essas relações de gênero e etnia, sexo e raça, de forma não a impor uma visão estereotipada, e sim para levar o



leitor a refletir sobre sua realidade, identidade cultural, diferenças como criações sociais e culturais e não como naturais.

A literatura através da intensificação da linguagem faz com que se observe, medite e discuta questões cotidianas que nos escapam na realidade, e que a ficção aciona o exercício da alteridade, uma visão crítica da história. É então que se dá a construção da identidade na literatura, diante do Outro, uma identidade compósita, rizoma, em que as raízes crescem e se fundem a outras, originando identidades móveis que se transformam continuamente, sempre inacabadas.

Em relação à identidade da mulher negra brasileira, como a Clara de Ribeiro, é um construto inacabado, em evolução. Essa identidade se constrói e se representa na literatura, em que a análise dos estereótipos deve ser ambivalente, pois podem justamente abrigar a ironia e crítica mordaz dos autores e narradores. Entretanto, percebe-se, pela temporalidade dos textos, que a visão e a realidade da mulher negra e mulata muito pouco evoluiu em mais de meio século que separam as publicações.

É preciso então considerar a condição do pertencimento na construção da identidade, visto que, é a partir de dentro que se podem validar as representações das experiências de sexo e raça, através da qual esse sujeito se apresenta e é apresentado. Um homem pode representar, conforme sua perspectiva o universo feminino, mas não pode construir uma identidade feminina. Nesse contexto, um escritor branco pode fazer em seus textos representações do negro, entretanto jamais poderá construir identidades negras.

Rachel constrói, portanto, identidades femininas e representações da mulher negra. Esmeralda Ribeiro, escritora negra, militante da Literatura Negro-Brasileira, que contribui regularmente com os Cadernos Negros, ao recriar Clara dos Anjos de Lima Barreto constrói a partir de sua escrita a identidade de mulher negra que resiste e reage ao mundo hostil e preconceituoso em que vive. A literatura é essencial à construção identitária cultural, não para liquidar com as diferenças, mas para considerá-las e ajudar a conviver com elas, de forma inclusiva, sem marginalizar nem determinar a invisibilidade do diferente. É preciso ver, viver e sentir as diversidades.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 12 ed. São Paulo: Ática, 1998.

BROOKSHAW, David. *Raça e Cor na Literatura Brasileira*. (Trad. Maarta Kirst) Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.



CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. (Trad. Maria Leticia Ferreira) São Paulo: Contexto, 2011.

CUTI, (Luiz Silva). *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras brancas*. (Trad. Renato da Silveira) Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Élio. Memória, Construção de identidades e utopia em “Canto dos Palmares”, de Solano Feitosa. In: : FERREIRA, Élio; MENDES, Algemira de Macedo (org.). *Literatura Afrodescendente: Memória e Construção de Identidades*. São Paulo: Quilombhoje, 2011.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. (Trad. Enilce Albergaria Rocha) Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 11 ed. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro) Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MENDES, Algemira de Macedo. Maria Firmina dos Reis: uma voz na história a Literatura Afro-Brasileira do século XIX. In: FERREIRA, Élio; MENDES, Algemira de Macedo (org.). *Literatura Afrodescendente: Memória e Construção de Identidades*. São Paulo: Quilombhoje, 2011.

QUEIROZ, Rachel. Rosa e o Fuzileiro. In: *Rachel de Queiroz: melhores Crônicas* (seleção e prefácio Heloísa Buarque de Hollanda) São Paulo, Global, 2004.

RIBEIRO, Esmeralda. Guarde Segredo. In: VÁRIOS. *Cadernos Negros: Os Melhores Contos*. Quilombhoje (org.) São Paulo: Quilombhoje, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Literatura e Gênero: A construção da identidade feminina*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2006.

Data de recebimento: 04/05/2016

Data de aprovação: 20/06/2016